APRESENTAÇÃO

Este número especial da revista *Raído*, cujo objetivo foi congregar trabalhos na área Análise do Discurso em torno da leitura e da escrita, surgiu de uma conversa com o Prof. Sírio Possenti (Unicamp). Os sete textos aqui apresentados são, portanto, resultados de investigações que demonstram a importância da AD para o ensino, contribuindo para a melhoria de nossas práticas educacionais.

No primeiro artigo, Edmundo Narracci Gasparini, da Universidade Federal de São João dell'Rei (UFSJ), faz breve incursão teórica a respeito da leitura para Análise do Discurso, destacando duas premissas: a produção da leitura é *determinada* sócio-historicamente e o sujeito é um produtor de sentidos *posicionado* também sócio-historicamente. Desse modo, o pesquisador reforça que não se pode, ao trabalhar a leitura pelo mirante discursivo, desconsiderar o lugar da materialidade linguística para a produção de sentidos. Embora mobilize outros pesquisadores em sua discussão, como Maria José Coracini, Marisa Grigoletto e Eni Orlandi, foca as contribuições de Michel Pêcheux para discutir a "leitura". Este artigo funciona, por assim dizer, como uma espécie de introdução teórica dos artigos que se seguem.

Ao considerar que uma das responsabilidades sociais da escola é promover a leitura literária como prática social, Denise Gabriel Witzel e Cláudio José de Almeida Mello, ambos da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), defendem que o modelo para o ensino de literatura ainda se encontra preso às influências do Estruturalismo e do Formalismo Russo, fazendo com que a promoção da leitura literária seja secundarizada na escola. Para sustentar tal tese, antes de analisar como a AD pode subsidiar o ensino de literatura, sintetiza o modelo predominante em relação ao tema, argumentando que teorias atuais, a exemplo dos referenciais sociointeracionistas, têm papel fundamental nas rupturas do paradigma ainda vigente. Para elucidar a discussão, apresenta uma análise de *Fita verde no cabelo*, de Guimarães Rosa, realizada por Marisa Martins Gama Khalil[1]. Com isso, concluem que o texto literário precisa, na escola, ser explorado em situações de ensino que promovam o prazer intelectual pela leitura literária. Isso só será possível se for permitido ao aluno descobrir, por experiência própria, o prazer de aprender. Para isso, o professor precisa receber, nos cursos de Letras, a formação adequada; só assim poderá, pela mobilização de teorias adequadas, explorar as interfaces entre língua e literatura.

Viviane Dinês de Oliveira Ribeiro Bartho e Elzira Yoko Uyeno, da Universidade de Taubaté (Unitau), apresentam o resultado de uma pesquisa cujo objetivo foi analisar os efeitos terapêuticos da escrita de diários por adolescentes judicialmente acolhidas. Pelo desenvolvimento da leitura e da proposta de elaboração de diários pessoais, as pesquisadoras buscaram respostas para o porquê de essas adolescentes "resistirem aos benefícios que a instituição e os projetos pedagógicos poderiam oferecer-lhes" (p.). Diante disso, os dados da pesquisa põem em relevo a função terapêutica da escri-

[1] Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/lep/article/view/32595/17325>. Acesso em: 20 ago. 2015.

ta. Fundamentando-se tanto na Análise do Discurso Francesa quanto na Psicanálise, concluem que, nos textos produzidos durantes as atividades de escrita, em geral, as adolescentes assumiam a posição de sujeito-vítima, de excluídas. A constatação, por parte das jovens, das nuanças de sua condição social, contribuiu para fazer da escrita de diários uma ferramenta importante à terapia.

Ilse Leone B. C. de Oliveira e Katia Menezes de Sousa, da Universidade Federal de Goiás (UFG), apresentam resultados da pesquisa *Memórias de leitores*: uma história construída na trama dos discursos escolares, realizada entre 2008-2012, que tratou da "formação do leitor por meio da construção da memória" (p.). Mobilizando Mikhail Bakhtin e, sobretudo, Michel Foucault, as pesquisadoras, por meio da noção de "escrita de si", constituíram um *corpus* de investigação por meio de autobiografias produzidas por alunos do primeiro ano do Ensino Médio. A proposta foi compreender como esses discentes assumem-se enquanto sujeitos de seus discursos, a despeito de todas as forças coercitivas às quais estão submetidos. Em outros termos, embora sejam submetidos à ordem, à disciplina, ao controle da escola e da sociedade, há em seus relatos marcas que os constituem como únicos ao se subjetivarem enquanto leitores e escritores. Este artigo tem estreita relação teórico-metodológica com o próximo.

Carmen Brunelli de Moura e Marluce Pereira da Silva, respectivamente professoras da Universidade Potiguar (UnP) e Universidade Federal da Paraíba (UFPB), defendem a "escrita de si" como uma prática "transformadora de si". A partir de um *corpus* construído com textos autobiográficos produzidos durante um curso de especialização em 2012, descrevem como a subjetividade está presente na "história de vida" apresentada por esses alunos-professores. Situando-se na perspectiva interpretativista discursiva, os enunciados são analisados em diálogo com Michel Foucault, a respeito da relação do sujeito consigo mesmo; de Charles Bazerman, acerca dos gêneros discursivos; de Jorge Larrosa Bondía, por conta da tríade leitura/experiência/sentido; e Antônio Nóvoa e Pierre Dominicé, que trabalham histórias de vida. Nas conclusões, defendem que, ao buscar respostas para a relação leitor e transformação de si pela leitura, esta última só será transformadora quando a escrita autobiográfica fizer parte de nossas práticas acadêmicas.

Carolina Fernandes, da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), também discute a prática de leitura na escola, no entanto, trabalhando com o texto imagético. O objetivo da pesquisadora foi problematizar a autoria em atividades de leitura e escrita, utilizando, como *corpus* de análise, imagens produzidas por Rosinha Campos em *Branca* (editora Paulinas, 2004) e a leitura realizada por alunos dos sétimos e oitavos anos do Ensino Fundamental. Ao analisar diferentes gestos de leitura e de interpretação, Fernandes mostra ainda como a leitura de imagens pode ser uma alternativa pedagógica para a promoção da autoria já no processo de leitura. Para a pesquisadora, é fundamental, considerando o aprimoramento escolar do aluno, maior dedicação à leitura polissêmica em aula e a tomada da posição de autor por parte do sujeito-aluno.

Ao final, atenta para a responsabilidade de docentes na formação de sujeitos-leitores, para que permitam aos alunos sua posição de sujeitos produtores de conhecimento.

Por fim, Fernanda Correa Silveira Galli, da Universidade Estadual Paulista (IBILCE/UNESP) e Dantielli Assumpção Garcia, pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP), discutem o modo como o sujeito-professor significa a leitura e o leitor na em nossas sociedades contemporâneas, nas quais as tecnologias digitais assumem papel cada vez mais proeminente nas práticas sociais. O *corpus* em análise foi construído utilizando-se material colhido durante uma oficina de leitura executada com professores da educação infantil. As pesquisadoras investigaram ainda, pelas lentes das teorias pecheutianas, as relações de filiação à memória discursiva e a emergência das formações imaginárias, a partir da análise de respostas.

Nosso maior desejo é, com esta edição, que os artigos possam, de forma direta ou indireta, levar à produção de outros trabalhos acadêmicos e, também, a mudanças nas práticas de leitura e escrita de nossas escolas. Apenas por meio de esforço conjunto e focado, pelo estreitamento consciente de laços entre a Educação Superior e a Educação Básica, poderemos promover a real melhoria nos níveis de leituras e escrita que tanto se deseja. Afinal, como tem defendido Sírio Possenti em vários de seus artigos, "Ensinar a língua pode significar, simplesmente, promover atividades de leitura e escrita"[2].

Dourados, 30 julho de 2015.
Marcos Lúcio de Sousa Góis

IN MEMORIAM

Meus eternos agradecimentos à minha orientadora, Prof.ª. Dr.ª. Elzira Yoko Uyeno, que já não está mais entre nós, mas cujas ideias, postura e palavras ecoam em todos aqueles que tiveram a honra de tê-la como verdadeira mestra. Ela exercia a docência de forma ética e compromissada; lançava-se ao investimento de amor que alimentava a falta e o desejo de seus alunos, encorajando-os aos desafios da pesquisa e da sala de aula. (Viviane Dinês de Oliveira Ribeiro Bartho, Unitau).

[2] Revista Língua. Disponível em: http://revistalingua.com.br/textos/105/ingredientes-para-o-aprendizado-314955-1.asp. Acesso em: 30 jul. 2015.